

Porque não há relação (razão) sexual! *

Miriam A. Nogueira Lima.

1ª Parte: Relação – Razão – Falta. “*Il n’y a pas de rapport sexuel*”. A afirmação de Lacan tem sido motivo de mal entendidos, possivelmente devidos à ambigüidade do termo francês *rapport* que tanto significa “relação (relacionamento entre parceiros)” como também “razão (na lógica-matemática)”, como alertam alguns.

Alguns autores preferem não traduzir *rapport* sustentando assim com o termo original a referida ambigüidade ou “equivocidade”. Afirmam que adotar apenas o termo “relação” resulta numa perda importante: a significação de razão entre dois valores que remete à lógica-matemática tão ao gosto de Lacan, principalmente quando ele dela se utiliza para trabalhar os quantificadores da sexuação.

A meu ver a inclusão do termo “razão” tem a vantagem de levar em conta que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”, pois suas motivações desafiam a razão, o *logos*. O seguimento da frase: “que a própria razão desconhece” quer dizer que a lógica que nos rege é a lógica da falta, cuja falta, aliás, faz falta.

Enfim, para além do mito do encontro possível sustentado por analistas (Balint, Fairbairn, Abraham) mestres das teorias de relações de objeto ¹, Lacan demonstrou a impossibilidade de correspondência e complementação sexual entre os falantes.

Padecemos do sexual pelo fato de sermos “seres pulsionais”. Disto sabemos desde o Freud do início. Se não é de instinto, mas de pulsão o de que se trata no campo da psicanálise, isto quer dizer que o objeto falta. Tal constatação permitiu a Lacan em sua leitura de Freud afirmar que todo ato é falho, mormente o ato

* Texto de estudo para apresentação na parte externa das Jornadas da Maiêutica de Florianópolis – encontro das instituições brasileiras membros da Convergencia, de 25 a 27 de maio de 2001.

¹ Vejamos as críticas feitas por Lacan nos Seminários 1 (1953-54), 2 (1954-55) e 4 (1956-57),

sexual. Assim, declarou em sua visita aos Estados Unidos, na conferência de 24.11.1975, na Yale University:

“A chamada sexualidade fundamental de Freud consiste em observar que o que tem a ver com sexo é sempre mal sucedido. É a base e o princípio da própria idéia de fiasco. O próprio fracasso pode ser definido como o que é sexual em todo ato humano. É por isso que há tantos atos falhos. Freud indicou, perfeitamente, que um ato falho sempre tem a ver com sexo. O ato falho por excelência é precisamente o ato sexual. Um dos dois está sempre insatisfeito. É preciso dizer a verdade afinal de contas. E é disso que sempre as pessoas falam.”².

2ª Parte: Das ding – Die sache – Falo – Outro gozo. O termo *das Ding* em Freud parece estar relacionado àquela porção estruturada como uma “coisa”, assim descrita por ele, por exemplo, quando se refere ao complexo do semelhante:

(...) “el complejo del semejante se divide en dos porciones, una de las cuales da la impressón de ser una estructura constante que persiste coherente como una cosa”, mientras que la outra puede ser comprendida* por medio de la actividad de la memoria, es decir, reducida a una información sobre el proprio cuerpo del sujeto .³

Lacan enfatizou a existência em alemão de dois termos que significam coisa: *die Sache* que se refere ao que é possível, simbolicamente estruturado, governado pela linguagem, e *das Ding* que designa o impossível, sem relação com as palavras, “verdadeiro segredo”.⁴ Estaria delineada aí a categoria do real, que é atestada definitivamente nos anos 70, para dizer o que é indizível, não simbolizável, fora da linguagem, ek-sistente?!

² Lacan, J. *Radiofonia: Conferência nos Estados Unidos*, publicação interna do CEF–Recife, 1995, p.12.

* Creio que seria mais adequada a tradução de “assimilada” em vez de “compreendida”.

³ Freud, S., “Proyecto de una psicología para neurologos” 1895 [1950], in *Obras completas*. Biblioteca Nueva: Madrid, Espanha, 1973, vol. 1 p. 240.

⁴ Lacan, J. *Seminário 7. A ética da psicanálise*. 1959-1960.

Em suma, entre outras teorizações existentes, porque não há objeto “positivado”, mas des-objeto, dejetivo, resto, isto é: objeto *a* – o propriamente dito objeto da psicanálise, inventado por Lacan – “razão” tampouco há, e o encontro só pode ser aquele sempre faltoso com o real. É isto, enfim, o que importa para a psicanálise – a clínica do real. Ou seja, tudo o que é da ordem dos seguintes termos: “enigma, trauma, opacidade, o que funciona como fonte de produções fantasísticas”.⁵

É interessante pensar que a despeito das tríades lacanianas, sempre se esbarra no sistema quaternário. Ao nó borromeano foi acrescentado um quarto elo – o sintoma. O Édipo não se constitui apenas da tríade imaginária pai-mãe-criança, mas importa a referência ao falo. Um significante a mais na teoria, porém com a “peculiaridade de possibilitar ao sujeito o campo da significação”.⁶ Em sua função de “capitonagem”, “ponto de estofo” (*point de capiton*) ele é aquilo que permite uma espécie de ancoragem impedindo o sujeito de ficar a deriva no universo da linguagem, inclusive de nela naufragar. Dentre todos os significantes, o falo tem o privilégio da função de ancoragem, de ponto de “basta”!!!

Em termos do triângulo familiar, por exemplo, de início o que se passa é entre os três pólos – mãe-pai-criança – que são três significantes, entre os quais o que está em jogo principalmente é a relação da criança com a mãe. Nesse primeiro tempo a criança supõe ser algo que interessa à mãe, que é por ela amada e ainda que lhe completa de alguma maneira. Entretanto, em breve se apercebe que a mãe não é toda para ela, que além dela existe um objeto de seu interesse, mais do que ela própria pode lhe interessar. Este objeto que, aliás, será reconhecido pela criança, é o falo. No cerne dessa dinâmica, a questão do por que a criança pode reconhecê-lo é crucial. É provável que tal reconhecimento se deva à presença do pai no entorno da mãe.⁷ Bem entendido, de um pai que “não é sem tê-lo”, o que leva a criança a supor que sua mãe o possui, o falo. O triângulo de que se trata agora neste ponto do desenvolvimento é constituído pelos significantes mãe-criança-falo.

⁵ Nas expressões de Comaru, M., “O objeto: Desejo e Castração”, inédito, exemplar mimeo. p.5

⁶ Como diz Emerich, C. “A relação sexual não existe”, in *Dicionário de Psicanálise: Freud & Lacan*, 2, Salvador, Bahia: Galma, 1998, p. 53.

A partir daí o falo estará presente na teorização lacaniana, em suas conotações de falo imaginário e simbólico, sendo inclusive o que elucida a impossibilidade de haver *relação/razão* nos falantes. Na medida em que a referência é sempre ao falo, ou seja, é com ele que se goza, todo gozo é fálico. Trata-se do gozo universal garantido pela exceção que cria a regra, exceção feminina, que goza também de Outro gozo, o gozo da não-toda, gozo suplementar facultado apenas a A(barrado) mulher e testemunhado pela experiência de alguns místicos, conforme assegura Lacan no seminário 20.⁸

Rio de Janeiro, 15 de maio de 2001.

⁷ Cf. Falade, S. “Reperes structurels des nevroses, psychoses et perversions”, Documento de trabalho, 1986, exemplar mimeo.

⁸ Cf., Lacan, J. *Seminário 20. Mais ainda*, 1972-73, p. 102